Manual do professor

Quando meu pai perdeu o emprego

Wagner Costa

Organização pedagógica Maria José Nóbrega

Richmond

Árvores e tempo de leitura

Maria José Nóbrega

"O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?"[1]

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "Trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior. Quantos galhos tem a árvore frondosa?

Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente… Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que é árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

"Decifra-me ou te devoro."

Qual é a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo…

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

> *Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. […] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".*[2]

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano…

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para determinada situação constitui um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, transforma-se em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

---

[1] *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

[2] *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

Um pouco sobre Wagner Costa, o autor de *Quando meu pai perdeu o emprego*

Wagner Costa atuou durante muito tempo como repórter policial em grandes jornais diários de São Paulo e foi professor de Literatura. Desde 1970, já publicou diversos livros para crianças e adolescentes. Nesses livros, Costa trabalha temas sociais. Em *Quando meu pai perdeu o emprego*, relata sua própria experiência, quando ficou desempregado como professor e jornalista, e acrescenta relatos de crianças falando de seus pais desempregados. "Se você escreve para criança, pode tudo, menos mentir. Pode criar, fantasiar, fazê-la viajar. Mas, no momento em que aborda temas sociais, você não pode mentir." Quando trabalhou como repórter policial, em contato com jovens infratores, Costa percebeu que o índice de violência é inversamente proporcional ao universo da leitura. Para ele, a leitura resgata a cidadania. "Em alguém que lê, a crueldade vai sendo atenuada, porque a pessoa consegue enxergar outros horizontes." Segundo o autor, uma criança que lê é senhora de si.

ARQUIVO DO AUTOR

A obra

É o menino, Pepê, que conta em primeira pessoa a história da família, centrada no problema da perda do emprego e da mudança de situação econômica. Pepê e seus três irmãos levam uma vida mais do que confortável, cheia de mordomias. Quando o pai perde o emprego, porém, tudo muda drasticamente: agora têm que dividir um minúsculo apartamento e tirar seu sustento vendendo pastel numa barraca. Não fosse o aparecimento providencial do avô, autodenominado Capitão Esperança, a família talvez tivesse sucumbido a um desânimo lúgubre. O capitão, porém, batizando a família de Nave Azul, infunde-lhes confiança e paciência para enfrentar os maus ventos. Apenas Betão, o irmão mais velho, não consegue lidar com a vergonha e o desgosto pela nova situação, e acaba sendo expulso da nave. Pepê, ao contrário, desdobra-se para colaborar: arruma um emprego de *office boy*, ajuda na barraca de pastel e fica feliz quando o irmão, arrependido e transformado, volta para casa. Depois de muitos reveses, o pai consegue um bom emprego, a situação melhora e todos reconhecem na crise uma oportunidade de amadurecimento.

Comentários sobre a obra

A novela *Quando meu pai perdeu o emprego*, que é considerada uma história intermediária entre o conto (uma narrativa curta) e o romance (uma narrativa longa), aborda a crise financeira como uma oportunidade de amadurecimento: os personagens, cada qual à sua maneira, são obrigados a lidar com suas expectativas frustradas, adaptar-se a um novo modo de vida e, apoiando-se mutuamente, encontrar soluções para os próprios problemas. O tema é tratado de forma direta e bem-humorada, mesmo nos momentos mais dramáticos. Há momentos em que somos obrigados a mudar nosso modo de vida, abrir mão de expectativas infundadas e tornarmo-nos mais realistas, solidários e humildes, e não há tragédia nenhuma nisso, parece nos dizer Pepê.

Quadro-síntese

Gênero: Novela.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, História, Geografia, Sociologia.

Temas contemporâneos: Direitos da criança e do adolescente; educação em direitos humanos; vida familiar e social; educação para o consumo; educação financeira e fiscal; trabalho; diversidade cultural.

Público-alvo: 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.